

Pacto de Sarney só não inclui Figueiredo

CORREIO BRAZILIENSE

27 JAN 1987

LEONARDO MOTA NETO
Repórter Especial

Amigos do ex-presidente Figueiredo, que com ele conviveram até o último dia do poder, e ainda mantêm contatos permanentes de Brasília com o Sítio do Dragão em Nogueira, afirmam que ele jamais esteve contra o governo do presidente Sarney, fazendo campanha contra as medidas na área econômica ou política. Ao contrário, o ex-presidente até gostaria, no seu íntimo, de manter uma conversação com Sarney para lhe transmitir alguma experiência arrecada nos seus seis anos de poder. O recente encontro entre Sarney e o ex-presidente Geisel, em Itaipu, seria um precedente.

No entanto, amigos do último presidente do ciclo militar entendem que ainda é prematuro um vis-à-vis entre o general, que herdou o símbolo da Velha República, e o presidente que encarna a Nova. E sabem que, a nível governamental há quem trabalhe para evitar esse encontro, comprobatório do clima de conciliação nacional, e mostra da grandeza das atuais instituições.

Da parte do ex-presidente, hoje entregue a um auto-isolamento, não há queixas de Sarney ou críticas a seu governo. "São intrigas", rebatem seus amigos. Na verdade, atestam que Figueiredo tem feito comentários elogiosos à coragem de seu sucessor, e gaba-lhe a sorte. Figueiredo só não deseja que Sarney sofra o que ele sofreu na Presidência.

O ex-presidente também desmente, pelos amigos, de forma categórica, que não tenha desejado passar a faixa presidencial a José Sarney, na tensa manhã de 15 de março de 1985. Nesse ponto, a versão é um dos poucos assessores que permaneceram até o fim a seu lado, com ele deixando o Palácio do Planalto por uma porta secundária, e não pela rampa principal — como Geisel, em sua despedida:

— Nós passamos aquela noite sem dormir, analisando as notícias mais divergentes sobre o estado de saúde do Dr. Tancredo, e sobre quem iria tomar posse no dia seguinte, se o Dr. Ulysses ou se José Sarney.

O presidente Figueiredo, de madrugada, deu um prazo até 11 da manhã para deixar Brasília e a faixa a quem a coubesse. Aconselharam-no até a passar a faixa, em qualquer circunstância, ao presidente da Câmara, Ulysses Guimarães. Mas até o começo da manhã ficou totalmente sem informações. E ninguém da equipe de Sarney veio nos esclarecer sobre esse ponto. Já no Palácio do Planalto, em seu gabinete, depois de ter passado pelo Hospital de Base de Brasília para visitar dona Risoleta, o presidente quis uma versão definitiva. E lhe deram a opinião final de que não poderia passar a faixa ao vice-presidente da República, porque este não tem direito àquela honraria, que cabe apenas ao presidente, que estava enfermo. Segundo o conselho que recebeu, deveria deixar que o próprio vice-presidente eleito, José Sarney, tomasse posse em situação de emergência. O presidente Figueiredo passaria tranquilamente a faixa ao presidente Sarney, nunca tendo feito restrições do tipo "a esse, eu não passo a faixa", como foi publicado.

Esse depoimento corrige algumas distorções informativas. O testemunho é importante porque é de pessoa da mais estrita ligação com o presidente Figueiredo, e que permaneceu a seu lado, e até hoje com ele conversa todas as semanas por telefone, de Brasília, onde ainda trabalha e reside. Ao lado do presidente estava seu chefe do Gabinete Civil, Leitão de Abreu, encarregado de prestar esclarecimentos de natureza jurídica-formal sobre a transmissão do cargo. Não havendo mais dúvida de que não poderia passar a faixa a um vice-presidente, às 11 em ponto da manhã, quando no mezzanino do 2º andar começava a solenidade, Figueiredo deixava Brasília.

Da parte de Sarney, segundo afirmam pessoas que lhe são próximas, não há qualquer impedimento para uma conversa do Presidente com qualquer personalidade civil ou militar, que lhe deseje levar uma contribuição de experiência e prática de poder. O Presidente, segundo um seu qualificado assessor, jamais fechou as portas de seu gabinete ao diálogo e tem a qualidade relevante de não se deixar impressio-

nar pelas intrigas que lhe são sopradas. Por educação, o Presidente ouve seus interlocutores, mas não se influencia pelas informações, quando são meros fuxicos.

O comportamento do Presidente da República, nesse ponto, difere de alguns de seus auxiliares, até mesmo ministros civis próximos, que, ainda por não terem atravessado circunstâncias de ostracismo e sofrimento político pessoal, não obtiveram ainda um completo amadurecimento para separar das informações o que é de moto emocional, ideológico ou simples verriça.

Segundo o assessor do Presidente, sem referir-se especificamente ao caso do ex-presidente Figueiredo, da parte do atual chefe do Governo não há obstáculos a conversa desse tipo, tendo em vista até mesmo os traços peculiares de Ihanéza e cordialidade de Sarney.

O convite ao ex-presidente Geisel para visitar Itaipu, como convidado oficial da solenidade de início de operação de duas turbinas, foi um exemplo de que Sarney não se rege pelos lugares comuns dos que lhe cobram aversão ao passado. Geisel, aliás, ao regressor ao Rio de Janeiro, narrou a amigos próximos o quanto estava satisfeito, principalmente pelos aplausos que recebeu em Itaipu, e pelas citações pessoais que mereceu do presidente Sarney, em seu discurso.

Mas essa prática de conciliação de Sarney com a Velha República está longe de ser um dogma. O Palácio do Planalto, na verdade, acompanha com alguma perplexidade a "plantação" de notícias de pessoas que se dizem solicitadas pelo presidente da República a lhe prestar colaboração em missões espinhosas como a renegociação da dívida externa. O caso típico é do ex-ministro Delfim Netto, dado como grande articulador do acordo com o Clube de Paris, a pedido do presidente Sarney, que assim teria instituído um canal paralelo a de seus ministros da área econômica. Difícil de acreditar, em termos da firme resolução presidencial de manter o aparato ético do Governo, e zelar pela dignidade do cargo.